

A LINGUÍSTICA COMO INSTRUMENTO PARA DETECTAR O PLÁGIO

Jucilene Marcos da Silva Ramos (UEMS)

jucilene_da_silva@hotmail.com

Vanderson de Souza (UEMS)

dvando.z@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

A língua é um sistema linguístico, que determinada comunidade aplica para a comunicação entre os seus pares. Os membros deste grupo conhecem as regras e os elementos que formam o sistema, e mediante estes recursos que possuem, é possível elaborar uma gama de mensagem. Em constante evolução à língua é um fenômeno, que pode ser delineado em múltiplos pontos de vista. A linguística é empossada para decodificar os atributos que compõem às línguas no geral. Ao decifrar algum código linguístico, por meio da fala, mesmo que seja de forma rudimentar, estará fazendo o uso de uma habilidade incontestável, presente em cada ser humano, a linguagem Pinker (2004, p. 07) fala, que a linguagem está profundamente enredada com a vivência humana que é quase impossível conceber a vida sem ela. Singelos ruídos produzidos com a nossa boca, de forma sistematizada, contribuimos para que diversas ideias surjam na mente do ouvinte. A linguagem é um atributo verbal para a comunicação, sendo a escrita um adicional, porém, a língua é como uma faca de dois gumes, que pode destruir ou edificar.

Palavras-chave:

Internet. Tecnologia. Ferramentas e ensino-aprendizagem.

1. Introdução

Não há sociedade sem comunicação, pois está se apropriando das diferentes manifestações de linguagem para interagir com o outro e com todos os elementos que a rodeiam, além disso, promove a vinculação entre sociedades por meio da influência mútua linguística para a execução e amostragem de sua cultura e história. A definição de um objeto é um procedimento bastante abstruso e, por isso, alude exceder muitos desafios para situar uma ciência, nesse aspecto ao explicar que a linguagem tem um lado particular e um lado igualitário.

Saussure (2006, p. 16) afirma que:

Dessarte, qualquer quer seja o lado por que se aborda a questão, em ne-

nhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontraremos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. (SAUSSURE, 2006, p.16)

Os subsídios que o filósofo e linguista acima citado deixou, são inegáveis, as quais orientaram os estudos linguísticos, que permeiam ainda na atualidade. Essa inquestionabilidade que nos faz encontrar dificuldade para eleger um conceito contestável nesse estudo, porquanto todos são de grande importância e têm perfeita vinculação entre si.

Todavia, novas luzes são apresentadas para o entrosamento da linguagem no século XVI, surgindo traduções em diversas línguas de livros sacros, neste momento, causada pela Reforma Protestante. Nos séculos XVII e XVIII consolida a Linguagem é a imagem do pensamento e a língua como sistema de signos administram a pérfida ideia de conformidade da língua. Como fato homogêneo, a língua poderia ser verificada independentemente de suas condições de produção. Já o acordo da linguagem como influência mútua permite alcançar a língua como fenômeno heterogêneo, cujas normas de funcionamento são mutáveis e socialmente motivadas e os avanços seguem diante do tempo, independente da vontade do homem.

Na visão saussuriana, a linguagem apresenta um lado individual e outro social inseparável. Saussure vê a indigência de deliberar o que seria elemento de estudo peculiar da Linguística como ciência. Enquanto, a linguagem não se deixa considerar em nenhuma classe de fatos humanos, pois não se sabe concluir sua unidade, já língua, é um todo por si e um princípio de classificação. É a língua que faz a unidade da linguagem. Ela, é o lado igualitária da linguagem. É a língua o objeto da linguística e como objeto da Linguística, a língua é abrangida como sistema de signos e neste contexto a língua se transforma e de forma regular.

A diferenciação entre língua e linguagem e a relação de uma com a outra:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas, pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2004, p.17)

A citação mencionada acima é de suma importância, para a alteração que aqui se aconselha; nela, Saussure elucida a diferença entre língua e linguagem e a relação entre elas: enquanto a linguagem é uma capacidade, a língua é aquilo que permite o exercício de tal faculdade. Para que não reste equívoco quanto a essa afinidade, logo a seguir, vemos que a destreza da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua compõe algo obtido e convencional.

Já para Pinker (2002):

[...] a linguagem não é um artefato cultural que aprendemos da maneira como aprendemos a dizer a hora ou como o governo está estruturado. Muito pelo contrário, é claramente uma peça da constituição biológica de nosso cérebro. (PINKER, 2012, p. 8)

Quando o lado particular da linguagem, a fala, esta é uma ação individual de anseio e astúcia, pela qual se marcam os acordos pelas quais o falante atinge o código da língua na finalidade de explicar seu pensamento pessoal que, lhe permite externar esses acordos. A linguagem é dialeticamente composta pela língua e pela fala. Isto é, o sistema linguístico prevê dois movimentos um social (língua) e outro individual (fala), segundo Saussure, (1995). A oscilação da língua quanto social a aloca como máximo que o homem e ao mesmo tempo ele está na língua por meio de um movimento individual. Nesta perspectiva a linguagem é vista como ação entre interlocutores.

Segundo Gomes e Sena (2015):

Admitindo a linguagem como instrumento de comunicação, a língua como um código social, em que se estabelece a relação comunicacional entre um emissor (aquele que codifica) e o receptor (aquele que decodifica), não há relatos de sociedades que tenham vivido ou que vivam sem interação verbal. Há muitas indicações que o homem é estruturado biologicamente para adquirir e desenvolver a linguagem, conforme veremos adiante. Há duas perspectivas no estudo das línguas, uma utiliza a língua como conhecimento inerente a todos (gerativismo) e a outra utiliza como produto social (estruturalismo). [...], na linguística, o interesse principal é a língua em si mesma, ou seja, todas as manifestações linguísticas. Dois interesses distintos, mas que outrora se unem. (GOMES; SENA, 2015 p. 556-7)

A linguagem é uma configuração de ação sobre o mundo e é dotada de intencionalidade, conduz sistema de ideias e caracteriza-se pela argumentatividade. Estudando a linguagem, induzindo em conta até a fala e jamais o estudo da língua independente de sua produção igualitária. É sensato que a fala é obtida espontaneamente e mais que uma disposição biogenética

concebe uma forma de inclusão cultural e de socialização. Desse modo, a fala está indissolúvelmente conectada às circunstâncias da comunicação e estas estão ligadas às estruturas sociais, como a firma Bakhtin, (1995):

[...] Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela se constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (BAKHTIN, 1995, 113)

Bakhtin idealiza a linguagem, por meio de uma visão histórica e cultural, incluindo implicação de abrangência e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e alocações nela envolvidos. Ainda para Bakhtin, o sistema de ideias é recinto de incoerência e tudo que é ideológico faz parte de um fato, e expede a algo localizado fora de si mesmo. Portanto, tudo que é ideológico é um signo. Os signos surgem do procedimento de influência mútua social, no alcance em que os indivíduos socialmente dispostos em grupos desenvolvem uma coesão social. Conjuntura social e signo são indissolúvelmente ligados.

Segundo Chomsky (1986 *apud* PINKER, 2002), com seu moderno estudo da linguagem introduz a teoria que a língua não é fruto do meio e sim fruto da mente humana, um fator biológico, inato. Porém, para Pinker (2002),

[...] a linguagem é um “instinto”, que pode ser comparada à produção de teia pela aranha, já que ela possui todas as condições fisiológicas e anatômicas possíveis para desenvolver sua arte geométrica, sem ter nenhum conhecimento de geometria plana. Observa-se esse instinto em outros animais e, em relação à aquisição da linguagem, não é diferente, sendo um instinto. (PINKER, 2002, p. 9)

A citação acima aborda a comparação da fala que esta para o homem, assim como tecer uma teia esta para a aranha, sendo ambas as ações realizadas por instintos de cada espécie, que essa aquisição da linguagem está conectada as estruturas inatas da espécie humana.

2. *Sintaxe*

Compreendemos por sintaxe a analogia constituída entre os subsídios linguísticos que agem na concepção dos enunciados. Assim para, o Jean Dubois (1997, p. 559), organizador do dicionário de linguística, encontramos a seguinte definição para sintaxe:

Parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases; a sintaxe, que trata das funções, distingue-se tradicionalmente da morfologia, estudo das formas ou das partes do discurso, de suas flexões e das formações das palavras ou derivação. A sintaxe, às vezes tem sido confundida com a própria gramática. Da definição apresentada, podemos perceber que os autores tentam definir a sintaxe comparando-a com a morfologia. (DUBOIS, 1997, p. 559)

Ambas têm o foco na composição dos enunciados, sendo assim, existe uma inquietação com o estudo da forma, tendo uma agudíssima conexão entre elas. Mas, é preciso destacar a preocupação da morfologia, que se restringe aos limites da estruturação das palavras, porém, a sintaxe se atenta com o ajuste linear do discurso que ela realiza. Ainda, segundo o professor doutor Camilo Rosa (2004, p.14), da Universidade Federal de Pernambuco, a firma que dentro das vertentes da linguística, a sintaxe envolve estudos dos procedimentos gerativos combinatórios e formadores das frases nas mais diferentes línguas naturais.

As Falas naturais estão entre os fatos mais complicados e conhecidos pela ciência, tanto do ponto de vista pela neuropsicológica quanto sociocultural. E, segundo Othero e Kenedy (2015, p. 09) a firma que,

[...] boa parte da complexidade linguagem deve-se especialmente a um dos componentes de sua estrutura: a sintaxe. É o componente sintático existente em todas as línguas que torna possível a combinação dos itens lexicais finitos em um número infinito de frases, as quais, por consequência, dão origem aos ilimitados textos e discursos humanos. (OTHERO; KENEDY, 2015, p. 09)

Com base no texto a cima, codificar a fala em normas da escrita e conduzir em conformidade, cada vez mais populosas e complexas, seria impossível sem a posse da faculdade da linguagem.

A não existência da sintaxe, o homem teria severas limitações no fazer, pensar e dizer, sendo a sintaxe a parte da estrutura das línguas, abrangendo o adjacente de configurações e condicionamentos formais. Em qualquer língua humana, é possível gerar uma quantidade infinita de frases, que são formadas com base em um conjunto limitado de fonemas, de morfemas, de palavras e de regras computacionais. Kenedy (2013, p. 12) mostra na tabela abaixo como é formada a nossa fala:

Tabela 1: Em números aproximados, unidades linguísticas e o caráter gerativo da linguagem.

Unidade	Quantidade de itens numa língua	Significado
fonema	de 20 a 40	nenhum
morfema	mais de 10 mil	fração do significado de uma palavra
palavra	mais de 50 mil	conceitos e combinações simples
frase	infinito	expressão de pensamentos

Ao olhar para a tabela 1, observamos os números de fonemas, morfemas e palavras que há em uma língua, ainda seja, por mais ampla que seja esse quantitativo é sempre restrito. No entanto a abundância de frases que pode produzir e envolver em qualquer dialeto já é ilimitado. Com base nisso, falantes de línguas humana criam e ouvem frases inéditas e a todo o instante, nunca abrolhadas antes na conjuntura histórica de sua língua.

A linguagem humana apresenta dois itens básicos como afirma Kennedy (2013, p.12 e 13):

É no léxico que são depositadas as unidades mínimas da língua (fonemas, morfemas, palavras, idiomatismos, expressões fixas), que, por se tratar de itens finitos, devem ser memorizadas pelos falantes de uma língua específica. Já as regras computacionais são também finitas, mas, quando aplicadas sobre os itens presentes no léxico, criam unidades infinitas como sintagmas e frases. (KENEDY, 2013, p.12 e 13)

Com base nessa unidade mínima da língua, o léxico, ou seja, o núcleo, este determina certas funções dentro conjunto, que recebe o nome de sintagma. Em princípio não se pode definir o seu alcance, uma vez que não é simplificado antecipar qual o algarismo máximo de itens que podem concernir a ele. Portanto, a sintaxe utiliza regras computacionais para elaborar sintagma e frases. Essas normas computacionais possuem lugares, no pensamento humano e compõem a capacidade linguística, que quando cada ser humano se torna capaz de produzir e abarcar um número infinito de frase em sua própria língua.

3. *Plágio uma questão de cópia*

A prática do plágio tem causado inúmeros problemas, que é comum que as pessoas se manifestam em favor da aplicação das repreensões máximas para quem resolve admitir a autoria de outrem. A simples cópia, sem fazer a devida referencia até a obtenção de trabalhos escolares e acadêmicos, tem sido uma problemática é periódica na educação básica e nas universidades.

Plágio constitui reproduzir ou rubricar uma obra com partes ou totalmente citada de outra pessoa, proferindo que é sua própria. O plágio pode ser de qualquer caráter, como em livros, música, obras, fotografias, trabalhos, e etc. Segundo o artigo publicado no site. docuri.com, afirma:

O plágio se caracteriza com a apropriação ou expropriação de direitos

intelectuais. O termo “plágio” vem do latim “plagiarius”, um abductor de “plagiarer”, ou seja, “roubar” [...]. A expropriação do texto de um outro autor e a apresentação desse texto como sendo de cunho próprio caracterizam um plágio e, segundo a Lei de Direitos Autorais, 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, é considerada violação grave à propriedade intelectual e aos direitos autorais, além de agredir frontalmente a ética e ofender a moral acadêmica.

Ocorre a imitação, quando uma pessoa copia o trabalho de alguma pessoa e não aloca os créditos para o autor original e Schneider (1990, p. 47-8) explica sobre essa prática:

No sentido moral, o plágio designa um comportamento refletido que visa o emprego dos esforços alheios e a apropriação fraudulenta dos resultados intelectuais de seu trabalho. Em seu sentido estrito, o plágio se distingue da criptomnésia, esquecimento inconsciente das fontes, ou da influência involuntária, pelo caráter consciente do empréstimo e da omissão das fontes. É desonesto plagiar. O plagiário sabe que o que faz não se faz. (SCHNEIDER, 1990 p. 47-8)

Nos cursos universitários, estamos sucessivamente envolvidos com conceitos de outras pessoas: ao lermos em textos, ao ouvimos em aula, ao debatemos em sala de aula e as agrupamos em nossa própria escrita. Como decorrência, é muito extraordinário que sejam incorporados créditos a quem é devido, e agora mais, os acadêmicos estão instigados pela facilidade de navegar na Web a procura de informações e acabam por empreender e de acordo com Garschagen (s.d.), três tipos de plágio:

- plágio integral – a transcrição sem citação da fonte de um texto completo;
- plágio parcial – cópia de algumas frases ou parágrafos de diversas fontes diferentes, para dificultar a identificação;
- plágio conceitual – apropriação de um ou vários conceitos, ou de uma teoria, que o aluno apresenta como se fosse seu. (GARSCHAGEM, s.d)

O plagiar não é de hoje, essa prática vem muito antes, porém com a facilidade que temos com a internet esse ato se tornou possível e de forma mais rápida. Portanto, precisamos inibir essa prática, por meio da técnica, estética e ética no mundo acadêmico. Como explicam Blattamn e Frago (2003, p. 62-3):

Como linha mestra para criar e manter a sintonia entre os elos está o uso de ética, estética e técnica. Na ética, ao observar os critérios de direitos autorais, conhecer as normas de editoras e, principalmente, respeitar as políticas de privacidade. A estética une o belo e a harmonia. Enquanto a técnica introduz a prática, a teoria e aplicação de procedimentos e recursos disponíveis. (2003, p. 62-3)

Não podemos ignorar a apropriação e expropriação indevida de textos, obras, ou qualquer publicação eu seja, os docentes precisam agir mediante as tais praticas, possamos interferir ações que venha a encaminhar-se para um novo paradigma no aprendizado, que estejam alicerçados no procedimento ético, com uma dimensão estética, num processo interativo da própria linguagem e da sociedade.

Com os avanços tecnológicos nos dias atuais e a advinda da internet, podemos contar com diversas ferramentas, que nos auxilia a realizar a verificação do plágio nas mais diversas publicações, que podemos encontrar na *web*. Segundo o site www.posgradunado.com disponibiliza algumas dessas ferramentas e como utilizar esses recursos.

Google

Um extraordinário instrumento gratuito para descobrir casos de plágio na internet, é o Google. Para isso, basta alocar uma frase ou um parágrafo do texto almejado entre aspas duplas no campo de análise e clicar em pesquisar. Ao colocar aspas duplas em uma frase ou parágrafo, o mecanismo de procura irá trazer as palavras precisamente na ordem em que foram digitadas.



Para facilitar a busca, aconselha-se colocar frases da conclusão ou das considerações finais do trabalho. Afinal, dois acadêmicos podem abordar as mesmas decorrências e às mesmas conclusões, mas dificilmente irá descrevê-los exatamente com as mesmas palavras, como podemos observar na imagem abaixo.

Plagium

O plagium.com é um site desenvolvido pela Septet Systems Inc. e que emprega metodologias avançadas de busca, para aprofundar a exploração de informações na internet. O emprego de busca por plágios é gratuito, prático e bem simples de utilizar.



Digite ou acole no campo de procura o escrito a ser avaliado e clicar em “Busca rápida”. Na versão Beta (e gratuita) do site, o texto é restrito ao tamanho máximo de 25 mil caracteres, sendo mais que satisfatórias para detectar a maior parte dos episódios de plágio.

Nas decorrências da análise é admissível encontrar documentos na internet que provavelmente também empregam o texto digitado, com seus relativos links para conferência. O site disponibiliza ainda uma nota, em percentualidade, para a coincidência entre os textos digitado no campo de busca e os descobertos em todo texto da internet, como é possível verificar na imagem abaixo.

Plagiarism detect

O plagiarism-detect.com, é também um serviço online gratuito para detectar plágios em documentos, textos ou websites. É possível digitar (ou colar) o texto a ser apurado no campo de pesquisa, nesta ferramenta, assim como no plagium.com, ou então fazer o upload de um arquivo para ser

ponderado. Quanto ao resultado da análise, o site exibe a porcentagem do teor copiado, os links para os trabalhos idênticos, a porcentagem de conteúdo similar em cada fonte e as citações comuns aos dois trabalhos.



4. A escrita como identificadora do plágio

O pensador francês Foucault (1992, p. 161), fez um dia essa pergunta: “O que é um autor?”. Vem sofrendo mutação na sua concepção ao longo do tempo, a função autor. Na atual sociedade que se vive, informatizada, o que é um autor e como forma um autor na conjuntura de uma coletividade em que a tecnologia digital modificar-se a linguagem entre o virtual e o real no mundo, sendo que o súdito da escrita esta sucessivamente a ofuscar-se.

“Todavia, a língua funciona da seguinte maneira: O cérebro de cada pessoa contém um léxico de palavras e os conceitos que elas representam”, isso segundo Pinker (2002, p. 98). Continua Pinker (2002, p. 529), “é necessário juntar palavras em “frase comum” revela que os mecanismos linguísticos metais têm de ter uma organização complexa, com interação de muitas partes.”, assim essas articulações da aprendizagem parecem ser projetados designadamente para a linguagem, não para as questões sociais e culturais.

O individuo precisa compreender a afinidade entre a fala e a escrita e distinguir o princípio de regras da escrita e que esse sistema se desenvolve

gradualmente. Abaurre (1991, p. 39) diz:

Em contato com a representação escrita da língua que fala, o sujeito reconstrói a história da sua relação com a linguagem. A contemplação da forma escrita da língua faz com que ele passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente... (ABAURRE, 1991, p. 39)

A citação acima diz, sobre a aquisição da escrita demanda que o indivíduo elucubre sobre a fala, constituindo afinidades entre os sons e a forma gráfica das palavras. Sendo que a criança aos seis anos possui todas as concepções da escrita, as quais antecipam a alfabetização convencional, segundo Kato e Tarallo (1998).

Todavia, Steven Pinker em seu livro *O instinto da linguagem* (2002), aborda “o conceito de palavra, sendo indivisível, a menor unidade no que diz respeito às regras de sintaxe.”. Com base neste conceito, apontamos a palavra sendo o principal responsável para a identificação do plágio, por meio das ferramentas utilizadas na Web. Observamos que, as ferramentas utilizadas para verificação do plágio apropriam-se das frases, fazendo assim uma busca de palavras por palavras em todas as plataformas de publicações, ou seguimentos encontrados na Web.

5. Conclusão

Todavia, a linguística uma ciências que estuda a língua como um sistema, a qual toda sociedade se faz necessário o desenvolvimento e apropriação de uma língua para a sua comunicação. E essa aquisição se obtém por meio da prática, da imersão nesse código, que envolvem a todos os participantes dessa comunidade, que começa com o balbuciar de um bebe até os experientes anciões.

A língua, um mecanismo, que teve a sua propagação a partir do episódio da torre de Babel, na atualidade, não importa quão longínquas da civilização está determinada sociedade, porém percebemos que possuem um código de comunicação entre os seus pares. A criança, falante de qualquer língua, possui uma gramática internalizada em sua mente e sem conhecimento da mesma. Sendo ela, capaz de elaborar uma frase complexa, sem ao menos saber que construiu, colocando palavras por palavras.

A comunicação entre os integrantes, de uma determinada sociedade é realizada pela formação de frases, sendo palavras por palavras, de forma

sistematizada por meio da sintaxe. Sendo esta uma das responsáveis para a organização, para a estruturação da língua, do falar, da escrita. A grafia é a representação da fala, a verbalização do som, é por meio da escrita que veremos buscar registros sobre determinadas sociedades e sobre mais diversos assuntos. Partindo de pressuposto, a língua por meio da sua ciência, nos permite e nos ajuda a concluirmos que a linguística está inserida e colabora para as mais diversas pesquisas, e assim, dispomos deste instrumento para registrar como uma ferramenta positiva para as publicações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernardete. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: *Anais II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: PUCRS, 1991.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BLATTMANN, Ursula; FRAGOSO, Graça Maria (Orgs). *O zapeara in-formação em bibliotecas e na internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FERRAMENTAS gratuitas para detectar casos de plágio acadêmico. Disponível em: <<http://posgraduando.com/ferramentas-gratuitas-para-detectar-casos-de-plagio-academico/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

FONSECA, Randal. *Expropriação de propriedade intelectual*. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=newsletter&id=3>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

GARSCHAGEN, Bruno. *Universidade em tempos de plágio*. S.d. Disponível em: <<http://www.fev.edu.br/canais/docentes/publica/principal.php?pr=1399&nt=54>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

KENEDY, E. *Curso básico de Linguística Gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

KATO, Mary, MOREIRA, Nadja, TARALLO, Fernando. *Estudos em alfabetização – retrospectivas nas áreas da psico e da sociolinguística*. Juiz de Fora: EDFJF (Pontes), 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextu-*

alização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MIOTO, Carlos. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3 ed., 2007.

OTHERO, Gabriel de Ávila, Eduardo KENEDY (Orgs). *Sintaxe, sintaxe: uma introdução*, São Paulo: Contexto, 2015.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Trad. de Claudia Berliner; rev. técnica: Cynthia Levart Zocca. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antonio Chelini et al. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (Orgs). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 38 pp. 357-414 maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v.13n38/12.pdf>. Acessado em 17 nov.2018.

O que é plágio? Disponível em:<<http://www.plagio.tccmonografiaseartigos.com.br/o-que-e-plagio>>. Acessado em: 16 nov.2018.